



**MANGUEIRA**

**CARNAVAL 85**



GRÁFICA MEC EDITORA LTDA.  
Rua Visconde de Santa Isabel, 420  
Tels.: 288-8221 - 288-8375  
Rio de Janeiro - RJ

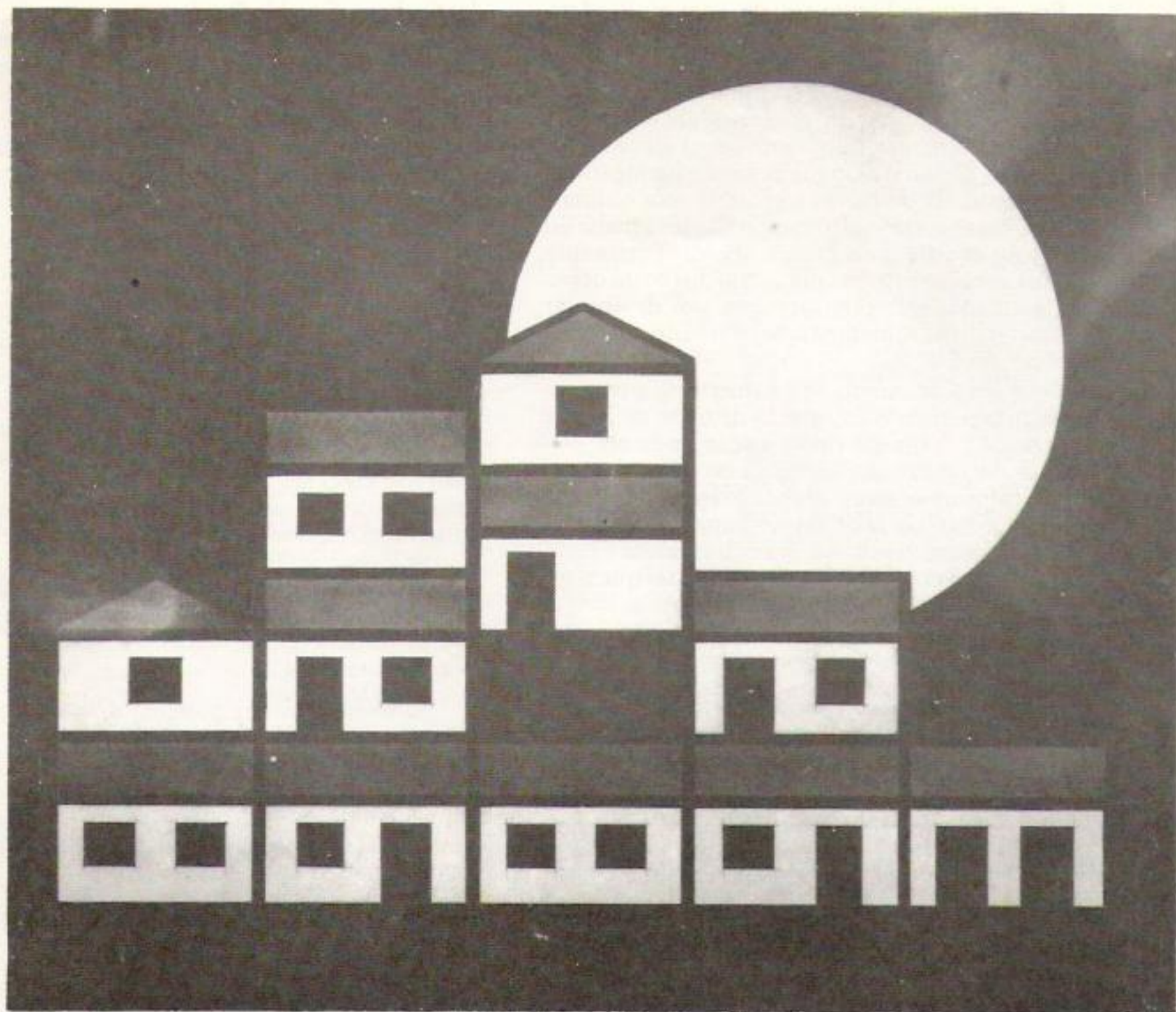
GRÁFICA  
EDITORA



## AGRADECIMENTOS

Maria Bethânia  
Wally Salomão  
Caetano Veloso  
Haroldo da Saens Pena  
Antonio Petrus Kallil  
Charutaria Estrela  
Ivan Nagle  
Rio Roupas Com. Ind. S/A.  
SARDINHA 88  
LUBRAX  
BANERJ  
DIVILAN





## MANGUEIRA FAVELA

Vista assim do alto, Mangueira é um povoado que se espalha pelo flanco de um conjunto de morros perto da linha do trem. De fundos para a Quinta da Boa Vista, ex-sede do Brasil Império, Mangueira começou a ser habitada no final do século XIX por ex-carroceiros do Imperador, pequenos empregados do Paço Imperial, soldados e migrantes nordestinos em geral. Dividida em minúsculos bairros — Buraco Quente, Chalé, Santo Antônio, Telégrafos, Candelária, Olaria e outros — Mangueira se subdivide em largos, becos, ladeiras, ribanceiras e ruas estreitas que desembocam na rua Visconde de Niterói, bem em frente ao viaduto. No topo do morro, lá no "Cruzeiro", onde se faz muita oração, avista-se uma boa parte da cidade: a cadeia de montanhas ao longe, o Maracanã, do lado esquerdo, e o traçado suburbano da Estrada de Ferro Central do Brasil. Sendo um dos redutos mais tradicionais do samba, Mangueira sempre abrigou também uma série de outras manifestações típicas de seus habitantes: o batuque, o jongo, a folia de reis, a pernada, a macumba, o candomblé... Costumes enraizados na cultura popular brasileira: negra, branca e índia.

Mangueira começou a ser habitada depois que um comerciante português comprou uma enorme chácara no local demarcado por uma antiga sesmaria doado por "El Rey" a Martin Afonso de Souza e repassada de papel e tudo para a Companhia de Jesus, anos depois. Astutos, os jesuítas lutaram com unhas e dentes pela demarcação de suas propriedades e a terra só ficou disponível quando o imbatível Marquês de Pombal decidiu expulsar, em 1759, todos os jesuítas de Portugal e colônias. Dizem que o Imperador D. Pedro I, depois do grito da Independência, em São Paulo, passou de cavalo por ali, bem no Largo da Cancela. Durante a regência de D. Pedro II, foi construído um reservatório de água para abastecer a cidade, adivinhem onde? no morro do Pedregulho, na Mangueira. Em 1852, foram instalados alguns dos primeiros postes de linhas telegráficas, daí a denominação de morro dos Telégrafos cuja vertente norte logo se tornaria um pouco mais urbanizada que o resto do morro. O sul da Mangueira só começou a ser frequentado depois da inauguração da Estrada de Ferro que dá acesso a São Paulo e Minas Gerais.



Era um terreno bonito aquele, com muitas árvores frutíferas, especialmente mangueira onde as mangas brotavam intensamente pelos galhos frondosos. E era justamente neste ponto que algumas pessoas desciam do trem, mesmo antes de existir a estação, sempre dizendo "vou descer ali nas Mangueiras"! O nome Mangueira pegou no lugar. Até hoje, na subida do morro a gente vê, nos quintais, na rua, mangueiras que o tempo não leva mais. Em 1889, foi construída a Estação da Mangueira que, por sua situação privilegiada, perto do centro nervoso da cidade, conheceu depressa um desenvolvimento relativo em comparação com os outros "arrabaldes" do Rio.

Com cerca de oitenta mil habitantes, a comunidade mangueirense é formada de 60% de jovens. Pela manhã, a rua em frente à sede da escola — O Palácio do Samba — construída no início dos anos 70, transforma-se numa grande praça onde crianças jogam futebol ou brincam de bang-bang. Bar no morro se chama tendinha. E a mais famosa é justamente a que era conhecida como "Sô para quem pode", hoje "Reduto da Curtição". Situado ao lado da antiga sede da escola — um velho barracão de madeira — e a igreja de Nossa Sra. da Glória, é nessa tendinha do Buraco Quente, na Travessa Saião Lobato, que se reúnem os veteranos para o bate-papo de todos os dias. Por aqui passa toda a vida do morro e da escola. Passam as lavadeiras, passam os trabalhadores descendo a ladeira, passam os estudantes e bem devagar os mais idosos. Há muitos anos atrás, por aqui passavam os "bambas" da primeira escola de samba, a Deixa Falar, da Praça Onze, entre eles Bide, Marçal, Ismael Silva e Brancura que vinham confraternizar com os mangueirenses: Cartola, Car-

los Cachaca, Geraldo Pereira e tantos outros. Na Roda de samba, gente de fora também participava. Vinha Heitor dos Prazeres, vinha Nelson Cavaquinho, cada um com um samba mais bonito que o outro! Nelson sempre lembra aquela noite em que estava de serviço no quartel mas deu uma fugidinha marota e caiu numa dessas rodas de samba da Mangueira. O cavalo voltou só...

Existia uma grande irmandade entre as primeiras escolas de samba, onde as rivalidades eram principalmente poéticas: quem fazia um samba ou um desfile melhor. Até Paulo da Portela, depois de uma briga com a diretoria de sua escola, veio também pra Mangueira onde foi recebido como um irmão. Sem o luxo atual que caracteriza os desfiles de hoje, antes a disputa era sobretudo no pé; o samba era mais importante que o brilho das fantasias. Os carros alegóricos não eram tão imponentes como agora e o povo assistia o desfile na calçada. Nos anos 60, as escolas tornam-se o maior evento do carnaval carioca. O desfile passa a ser televisionado e começa a cobrança de ingressos. É a nova fase na trajetória das escolas de samba. A indústria turística absorve o carnaval e o samba torna-se um verdadeiro símbolo da cultura popular brasileira.

"Samba é a minha paixão", diz Dona Neuma, eterna primeira dama da Mangueira. Tanto para Neuma, filha de Saturnino Gonçalves, como para Pedro Paulo, filho de Juvenal Lopes, como para Nelson Sargento, afilhado de Alfredo Português entre outros mangueirenses de várias gerações, a história da escola de samba se confunde com a própria vida. Ser Mangueira é resgatar sua própria cultura e raiz. O samba é a razão de suas existências.







## MANGUEIRA ESCOLA

No começo do século XX, algumas indústrias como a Fábrica de Chapéus da família Fernandes Braga, atuavam como catalizadoras da mão de obra emergente em Mangueira. As indústrias eram geralmente olarias e mais: a Cerâmica Brasileira, um aviário e a Fábrica de Calçados Tupã. Em sua maioria negra, a população mangueirense costumava se divertir com... samba e futebol. Havia o *Mangueira*, o *Rio-Petrópolis*, o *Oriental Futebol Clube* e outros times. E, no carnaval, havia o cordão. Cordão era um grupo de mascarados conduzidos por um mestre com um apito, acompanhado por uma verdadeira orquestra de percussão: cuícas, recos, adufos, agogôs, ganzás, tamborins, etc. Entoando cânticos em dialetos bantu e em português, com fantasias características, os cordões foram a origem dos blocos e escolas de samba. Em Mangueira existiram pelo menos dois cordões: o *Guerreiros da Montanha* e o *Trunfos da Mangueira*. Menos primitivos que os cor-

dões, os ranchos sistematizaram a participação das mulheres nos cortejos carnavalescos, e trouxeram inovação: as "alegorias", o uso do "enredo" (tema) desenvolvido durante o desfile, a instrumentação de sopro e cordas e o casal de dançarinos "baliza e porta-estandarte" ou mestre-sala e porta-bandeira que permanecem na escola de samba.

Reduto de "bambas" da pernada e do batuque, Mangueira tinha sua tradição e seu misticismo. "Bambas" eram os mestres no jogo da capoeira ou pernada, mestres também de batuque, onde os versos na roda de samba eram improvisados. O ponto de encontro de todos os "bambas" do Rio era a praça Onze, onde predominavam a nata da malandragem da época: os "bambas" do Estácio, do morro de São Carlos, Catumbi e adjacências. Por volta de 1920, os blocos com elementos dos ranchos e dos cordões são a célula embrionária das escolas de samba. E onde havia bloco, havia também candomblé





— religião afro-brasileira muito reprimida há anos atrás. Segundo depoimentos de antigos mangueienses, só no Buraco Quente havia o bloco da Tia Fé, bloco da Tia Tomásia, bloco do mestre Candinho, entre outros. Tempo de gente valente e de muito mistério. Onde havia samba, havia candomblé e batuque. Onde havia "bamba", havia pernada. E da pernada à briga de faca e navalha, por qualquer motivo, era um passo. O sambista era perseguido pela polícia na rua e na cidade. Discriminado pela cultura oficial, o samba só entrou para o calendário turístico da prefeitura em 1935, quando o desfile das escolas de samba já era um fato consumado tanto na Praça Onze como nos bairros.

Diz a tradição que o primeiro concurso de escola de samba foi promovido por Zé Espinguela, um dos fundadores da Mangueira. No final dos anos 20, Espinguela já era um dos maiores animadores culturais que o morro e a cidade já conheceu. Sendo um dos fundadores do bloco dos Arengueiros (bagunceiros, arruaceiros), promoveu junto com Cartola, Massu, Alfredo Portugês, Juvenal Lopes, e outros "bambas" a criação da chamada Escola de Samba Estação Primeira Mangueira. As cores verde e rosa da bandeira foram escolhidas pelo poeta e compositor Cartola, primeiro mestre de harmonia da Escola. Aos poucos, todos os outros blocos do morro foram se fundindo. Nos anos 30/40, a Mangueira já figurava no rol das grandes e definitivas escolas de samba da cidade. Em 1932, ainda antes dos desfiles oficiais da praça Onze, Mangueira conquista seu primeiro campeonato. No ano seguinte sagra-se bi-campeã. Mangueira chega ao primeiro lugar também em

1940, 49, 50, 54, 60 e, enfim, em muitos outros carnavais. No total, foram catorze campeonatos. Em 1984, ano da inauguração da Passarela do Samba, a Mangueira arrebatou a platéia das arquibancadas e voltou gloriosa à pista dos desfiles, invadida pela multidão, num desfile histórico.

Considerado o maior espetáculo de arte popular do mundo, o desfile das escolas de samba movimenta centenas de artesãos, cenógrafos, desenhistas, escultores, figurinistas, costureiras, aderecistas, bordadeiras, marceneiros, etc. Esses artistas produzem, nos meses que antecedem o carnaval, as alegorias, os adereços, as fantasias, os carros alegóricos, enfim, toda a estrutura plástico-visual da escola de samba. Os compositores da escola, reunidos na ala dos compositores, compõem o samba-enredo que vai narrar em versos o enredo ou tema escolhido para o desfile. Cada escola tem o seu carnavalesco que funciona como uma espécie de diretor de cena: é ele que imagina o enredo, distribui as alas e traça o estilo do desfile. Quando a escola se prepara para entrar na pista, uma emoção indescritível anima cada componente. Quando a bateria começa a tocar, é a boca coletiva da escola que responde uníssona. Vozes da voz, os componentes da escola são as cores que empunham. Mangueira, verde e rosa, com a marca registrada de seu surdo batendo num compasso único, já não é mais uma história, nem a lembrança de outros dias. É o presente que se alastra e contagia.

DULCE TUPY

Jornalista, crítica e pesquisadora musical



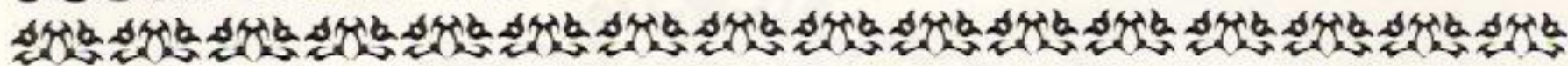
THEATRO MANGUEIRA  
 APRESENTA  
 18  
 85  
 EV  
**CHIQUINHA  
 GONZAGA**

EM

"ABRAM ALAS QUE EU QUERO PASSAR"



# JUSTIFICATIVA DO ENREDO



CHIQUINHA GONZAGA,

## A MADRINHA DO CARNAVAL

Maior vulto feminino na história da música popular brasileira e uma das grandes expressões da luta pelas liberdades no País, Chiquinha Gonzaga (1847-1935) pagou caro pela sua ousadia e pioneirismo, principalmente com o esquecimento. Por isso, após seis anos de pesquisa para resgatar sua memória, parecia-me fundamental transformar esse trabalho em enredo de escola de samba, por entender que esta era a forma mais legítima de narrar uma história que tem como protagonista o povo brasileiro e sua cultura.

O momento da homenagem não poderia ser mais oportuno; fevereiro de 1985 coincide com o cinquentenário de morte da compositora e maestrina carioca Chiquinha Gonzaga. Da homenagem se apossou a tradicional Estação Primeira de Mangueira, mais uma vez apostando no que é brasileiro e popular. Posse merecida desde o momento em que me dirigi à quadra da Escola, numa manhã de domingo do mês de maio, e apresentei a Pedro Paulo Lopes, Coordenador da Comissão de Carnaval, uma sinopse do enredo. No ato ele percebeu que Chiquinha e Mangueira se mereciam, não fosse um homem ligado ao Carnaval desde o berço. Dai para o convite a Eloy Machado, que, por sua vez, convidou a arquiteta Bia Dumont, foi um passo concretizado tão logo a Comissão de Carnaval e a Diretoria, reunidas, votaram por unanimidade no tema-enredo.

Contratados por Manoel Nunes Arêas (Manola) e José Petrus (Zinho), respectivamente Vice-Presidente e Presidente do Conselho Deliberativo, os dois carnavalescos cuidaram do desenvolvimento do enredo e deu-se início a um trabalho que envolveria nos meses seguintes milhares de pessoas.

## NA CORTE DE D. PEDRO II

### UMA MULHER ATRAENTE E LIVRE

A vida de Chiquinha Gonzaga confirma um provérbio em voga no século passado que dizia, textualmente, constituir perigo para o lar a mulher que soubesse mais do que ler corretamente as suas orações e escrever a receita da goiabada. Acontece que, na segunda metade do século XIX, a mulher brasileira passa a exercer o papel de dama de salão e a sociedade lhe permite novos aprendizados; entre eles, o piano.

Como toda sinhazinha do seu tempo, Chiquinha Gonzaga também aprendeu a tocar piano enquanto esperava que seu destino se cumprisse: o casamento. Mas a intransigência do marido, que lhe proibia a música, e a revolta provocada pelo envolvimento em uma guerra que lhe parecia estúpida, fizeram-na tomar a decisão de abandonar o casamento. A consequência imediata foi a sua expulsão da família. No Rio de Janeiro daquela época, a mulher que ousava ter vida própria e recusava a tutela masculina do pai ou marido era condenada à marginalização social.

Com coragem, talento e muita capacidade de trabalho, Chiquinha Gonzaga transformou o piano — que para muitas sinhazinhas pouco mais servia que atormentar os ouvidos das visitas — em uma profissão. Tornou-se professora, compositora e maestrina. Aos poucos se impôs naquela sociedade hostil e terminou reconhecida e festejada como celebridade nacional.

Quando a música estrangeira, importada ou feita aqui mesmo, dominava o País, Chiquinha Gonzaga promove no piano o encontro da valsa, polca, tango, com lundu, batuque, jongo, cateretê. O seu trabalho resultou decisivo no processo de abasileiramento da música popular. Autora de uma obra flagrantemente popular, ela sofreu o abuso da apropriação indevida de seu trabalho. Para desmascarar a crença de que “samba é como passarinho, é de quem pegar”, comprou a briga dos direitos autorais e fundou a primeira associação para defender e arrecadar o direito autoral de compositores musicais e autores teatrais, a SBAT — Sociedade Brasileira de Autores Teatrais —, em 1917.

## ESCÂNDALO ATÉ NA

### LINGUA PORTUGUESA

Quando Chiquinha estreou como maestrina, em 1885, a Imprensa se embaraçou para registrar o feminino da palavra maestro — temia que não fosse lícito. Era a primeira vez que aquilo acontecia. Naquela época em que a Praça Tiradentes se tornara centro da vida noturna carioca, com seus inúmeros teatros de repertório popular, e o público mostrava-se fiel ao gênero musicado, Chiquinha Gonzaga era o compositor mais requisitado. No maxixe, então, ninguém a superava.

Por falar em dança nacional, o maxixe foi responsável por outro escândalo na vida da compositora. E que um de seus maxixes mais rasgados foi executado em 1914, ao violão, no Palácio do Governo. O “Corta-Jaca”, no Catete, foi motivo de condenação, riso, piada, quadrinha satírica, manchete em jornal, discurso no Senado, peça teatral, música de Carnaval, e terminou por apelidar o governo do Presidente Hermes da Fonseca. Tudo isso, em parte, pela ousadia de uma outra mulher, a então Primeira-Dama do País e executora da música, Nair de Teffé. Com o “Corta-Jaca” atravessando os portões do Palácio das Aguias, a música popular brasileira adquiria sua alforria.

## CHIQUINHA GONZAGA E

### O HINO DO CARNAVAL

Em fevereiro de 1899 usava-se fantasia e máscara para dançar nos salões, ao som da polca, tango, habanera, quadrilha, valsa, mazurca. Na rua o povo se divertia em cordões. No bairro do Andaraí o cordão Rosa de Ouro ensaiava. Ao ouvir os ensaios,





CHIQUINHA GONZAGA AOS 85 ANOS, EM OUTUBRO DE 1932

Chiquinha Gonzaga, vizinha do cordão, senta-se ao piano e compõe

“O Abre Alas que eu quero passar...”

Era a primeira vez que um compositor escrevia música para aquela festa de rua. E assim o Carnaval estava batizado.

Em fevereiro de 1935 morreu no Rio de Janeiro, em plena Praça Tiradentes onde morava, a compositora deste verdadeiro símbolo do Carnaval carioca. Naquele ano, a festa que batizara recebia o reconhecimento oficial. Morreu na antevéspera do Carnaval. Ainda se ouviam os cantos fúnebres, quando na rua eles se confundiram com “O Abre

Alas que eu quero passar...”

Fevereiro de 1985. Cinquenta anos depois, a Estação Primeira de Mangueira ocupa a Passarela do Samba para homenageá-la e expressar sua saudade cantando

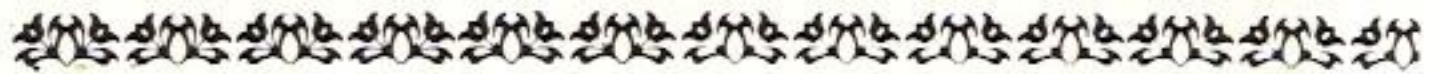
“Abram alas que eu quero passar só não passa a saudade a saudade que ficou no seu lugar...”

Edinha Diniz

Autora do livro “Chiquinha Gonzaga: uma história de vida”. Editora Codecri, Rio de Janeiro, 1984. O livro serviu de base ao enredo.



# ENREDO



Ao apostar no tema francamente brasileiro e popular, a Mangueira mantém seu compromisso de escola tradicional, sempre preocupada com a preservação das raízes culturais. O enredo deste carnaval é a própria síntese do "popular competente", como a ele já se referiram. "Abram alas que eu quero passar" é um pedido que a Escola faz. Para que ela possa homenagear a carioquíssima Chiquinha Gonzaga, Madrinha do Carnaval, parodiando a marcha de sua autoria: "O Abre Alas", primeira canção tipicamente carnavalesca.

O enredo é antecedido de um prólogo, "O Carnaval de Hoje", anunciando a chegada da escola e a homenagem que ela vai prestar. O primeiro ato, "O Império", mostra a vida na Corte e se refere ao ambiente ao qual a sinhazinha Chiquinha Gonzaga estava destinada e que ela termina por desprezar; o segundo, "Surge a grande pianista" mostra, entre outras passagens da vida de Chiquinha, o "Cine-Teatro Show Mangueira", apresentando a vida e a obra da compositora e maestrina, aquela que deixou de ser uma dama da Corte para se tornar Rainha da Praça Tiradentes. Sua contribuição decisiva para o Carnaval, batizando-o com a primeira canção, é o motivo de abertura do "Carnaval do Passado", fechando assim o enredo e lembrando que "O Abre Alas", Chiquinha Gonzaga e Mangueira estão presentes neste Carnaval, como estiveram ontem, estão hoje e estarão sempre.

OLIVERIO FERREIRA (XANGÔ)

Diretor de Harmonia da Estação Primeira, de Mangueira

## SAMBA-ENREDO



"ABRAM ALAS QUE EU QUERO PASSAR"

AUTORES: JURANDYR, HELIO TURCO E DARCY

É CARNAVAL  
O SAMBA FAZ VIBRAR A MULTIDÃO  
LÁ VEM MANGUEIRA  
NÃO POSSO CONTER A MINHA EMOÇÃO  
VAMOS REVIVER O RIO ANTIGO  
ONDE CHIQUINHA SE FEZ IMORTAL

OH! DEUSA DA FOLIA  
RAINHA DO MEU CARNAVAL

EU SOU DA LIRA  
NÃO VOU NEGAR  
O "ABRAM ALAS QUE EU QUERO PASSAR"  
SÓ NÃO PASSA A SAUDADE  
A SAUDADE QUE FICOU NO SEU LUGAR

II  
LIBERDADE  
OH! FALSA REALIDADE  
LIBERDADE  
O SONHO FOI MORAR N'OUTRA CIDADE  
DESPREZOU A BURGUESIA  
E O REQUINTE DOS SALÕES

ABRAÇA A BOEMIA  
E DEIXA NA BOCA DO POVO Bis  
MAIS DE MIL CANÇÕES



RODA BAIANA  
LEVANTA A POEIRA DO CHÃO  
RODA BAIANA Bis  
NAS CORES DO MEU CORAÇÃO  
É CARNAVAL...

Como trilha sonora do enredo "Abre Alas que eu quero passar", o samba escolhido para homenagear Chiquinha Gonzaga contém os pontos fundamentais da história que se desenvolve na Avenida: sua vida e sua obra. "O Carnaval de Hoje" (prólogo) anuncia a chegada da Mangueira e a homenagem; em seguida, o samba evidencia o desprezo e a renúncia de Chiquinha à vida a ela destinada na Corte (primeiro ato); sua opção pela boemia e a fecunda obra musical por ela deixada, retratando o Rio antigo, compõem o segundo ato; por fim, no terceiro ato, é destacada a sua vigorosa contribuição à festa do povo — "O Carnaval do Passado". O samba não poderia deixar de lembrar também a saudade que dela restou, exaltando então a liberdade, o anseio e as conquistas de Chiquinha Gonzaga, legados a todos.

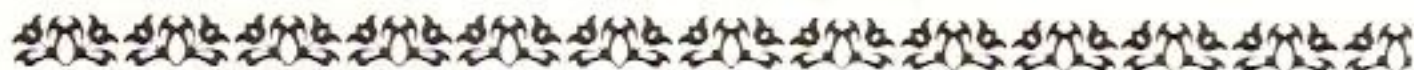
Belo, espontâneo e sincero, o samba-enredo de Jurandyr, Helio Turco e Darcy honra a "parceria" Chiquinha Gonzaga. Os compositores se preocuparam também em estabelecer uma harmonia de canto em que as pastoras possam alcançar uma oitava acima da voz masculina, proporcionando a maior riqueza coral.

PEDRO PAULO LOPES

---

Coordenador da Comissão de Carnaval da Estação Primeira de Mangueira

## COMISSÃO DE FRENTE



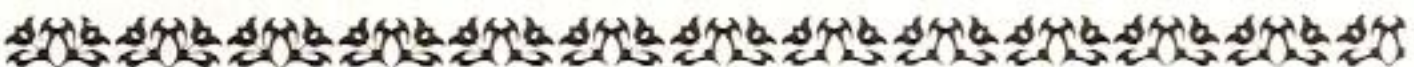
A partir da década de 60, a Comissão de Frente, que tradicionalmente se apresentava de terno e chapéu, passou a desfilar em algumas escolas utilizando recursos de fantasia. Este ano, na Mangueira, ela representa a música, com suas sete notas, formando duas escalas que ladeiam Chiquinha Gonzaga, ali revivida pela compositora Lecy Brandão. E a música cortejando uma de suas maiores criadoras, de forma graciosa, nobre e cavalheiresca, uma representação perfeitamente ajustada ao tema e uma rica alusão ao enredo. Tia Zica e Nelson Cavaquinho, figuras ilustres da Escola, fazem as honras à Comissão de Frente.

DJALMA DOS SANTOS

---

Presidente da G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira

## FANTASIA



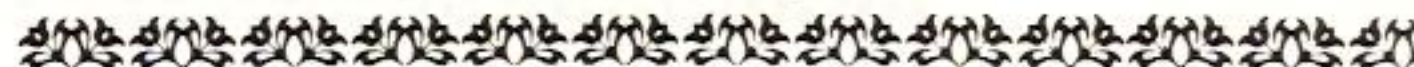
Intimamente ligadas ao enredo, com modelos próprios da época, as fantasias de "Abre alas que eu quero passar" procuram alargar as possibilidades visuais do verde e rosa, cores fortes e ricas. Assim, o trabalho desenvolvido com os figurinos resultou num efeito de grande potencialidade e amplidão visual. Em grande parte estilizado, os figurinos rememoram a nobreza do Segundo Reinado, o Rio de Janeiro republicano da virada do século, a vida mundana e artística da cidade na época e a obra musical e teatral de Chiquinha Gonzaga. Por fim, o Carnaval, amplamente estilizado, de ontem, hoje e sempre.

ELOY MACHADO

---

Figurinista e carnavalesco da Estação Primeira de Mangueira

## ALEGORIA E ADEREÇOS



Entre os recursos auxiliares e esclarecedores do enredo estão as alegorias e adereços, elementos plásticos ilustrativos. Neste Carnaval, a Mangueira inaugura uma nova era em desfiles: formas plásticas arrojadas e dinâmicas movimentos mecânicos, luxo



requintado associado à originalidade, introdução de novos materiais industrializados, tecnologia inovadora. Enfim, uma outra concepção de carnaval — assimilação do que há de mais novo por aquela que é a guardiã das melhores tradições. Uma renovação assumida como condição de continuidade.

Como princípio, partiu-se da idéia de que o antigo não é velho e o passado pode receber um tratamento que o atualize. Dessa forma, para homenagear Chiquinha Gonzaga, afinal um tema histórico, elaborou-se uma representação plástica capaz de integrá-la ao nosso tempo. Das alegorias fazem parte:

**ABRE ALAS** — Para anunciar a chegada da Escola, um carro de grande leveza plástica, sem maior rigidez formal;

**PRIMEIRO CARRO** — Pertence ao prólogo do enredo — “O Carnaval de Hoje”, utilizando a imagem mundialmente divulgada do “ser carioca”, símbolo do seu espírito e comportamento;

**SEGUNDO CARRO** — Reproduz a atmosfera de fantasia, sonhos de uma sinhazinha do Segundo Reinado;

**TERCEIRO CARRO** — O Cine-Teatro Show Mangueira apresenta cenas do Rio contemporâneo de Chiquinha Gonzaga, com elementos e figurinos antigos e autênticos, numa concepção visual que transcende o passado, espalhando-se por todos os tempos.

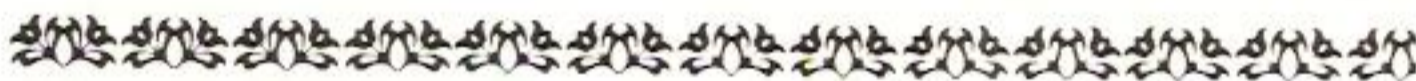
Elementos coreográficos que compõem o enredo, os adereços conduzem destaques tradicionais da Escola e completam a concepção visual de cada quadro. Entre os quadripés, adereços bastante significativos para a melhor e mais bela apresentação do enredo, a Mangueira apresenta este ano o navio “Duquesne”, da marinha francesa, cuja tripulação deu a Chiquinha Gonzaga o título de “Alma Cantante do Brasil”; também a fachada do Palácio do Catete onde, para indignação de muitos, o “Corta-Jaca” entrou e se afirmou.

ELOY MACHADO E BIA DUMOND

---

São os carnavalescos da Estação Primeira de Mangueira

## MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA



“E verde e rosa a cor da tua bandeira  
Para mostrar a esta gente  
Que o samba é lá de Mangueira”

Este ano a bandeira da Escola chega à Avenida aos cuidados de Lilico e Mocinha. O mestre-sala baila, não samba. Com graça, elegância e leveza, ele protege e corteja a porta-bandeira como um beija-flor faz com as flores, na natureza.

Filho de uma das baianas mais tradicionais da Escola, a Tia Irene, e de um antigo dirigente, Sr. Braga, Lilico nasceu e se criou no Morro da Mangueira. E herdeiro do célebre Delegado, a quem já substituiu há alguns anos, quando alcançou a nota máxima. Delegado, ao se despedir, levou com ele a fama, os troféus conquistados, deixando com os componentes da Mangueira as alegrias e uma grande saudade. Seu desempenho e seu sorriso ficarão na história das escolas de samba.

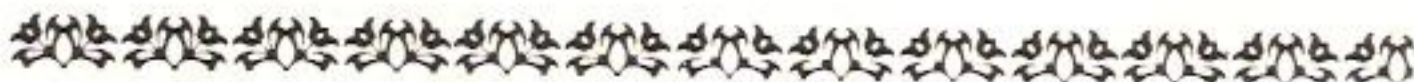
Lilico, por sua vez, com elegância e competência, comprova que Mangueira é um celeiro de bambas, preparando seus jovens dentro das melhores tradições. E o antigo mestre ensinando seu ofício aos que mais tarde irão substituí-lo.

Mocinha, a eterna porta-bandeira da Escola, despede-se este ano da Avenida. Pena, porque no auge da glória. Sem dúvida, um momento inesquecível, histórico mesmo: entra Lilico em cena em 85, com o carisma dos que permanecem; sai Mocinha que em 86 não mais dará ao povo carioca a alegria de vê-la carregar a bandeira da Escola, deixando no coração deste povo uma saudade indescritível.

PEDRO PAULO LOPES

---

## BATERIA



A bateria sustenta, com vigorosas e variadas batidas, a cadência necessária ao desenvolvimento do canto e à coreografia do conjunto. Uma das principais características da Mangueira é a batida inconfundível e forte do surdo de marcação, e o preenchi-



mento do compasso vazio no repenique e nos tamborins. Uma verdadeira marca registrada da bateria da Escola, eternizada nos versos de Mestre Gato:

“Todo mundo te conhece ao longe  
pelo som de teus tamborins  
e o rufar do teu tambor”

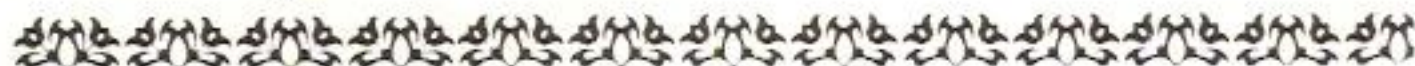
A bateria da Mangueira é comandada por Mestre Chimbico, sucessor do inesquecível e lendário Mestre Waldomiro.

JOSE PETROS (ZINHO)

---

Presidente do Conselho Deliberativo e Fiscal da Mangueira e também membro da Comissão de Carnaval

## EVOLUÇÃO



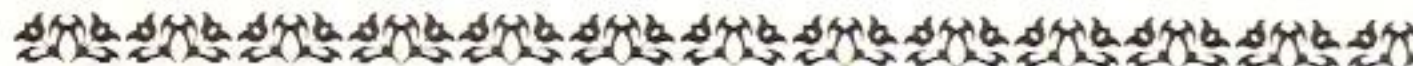
O ponto alto da escola em desfile se mostra na sua evolução, nos seus movimentos coreográficos. Se cada ala, sambando à sua maneira e perfeitamente enquadrada no enredo proposto, consegue dar ao conjunto uma unidade precisa, a evolução apresentada não pode deixar de ser boa. Mangueira, seguindo sua tradição, entra na Avenida alegre, solta, contagiante, com muita garra, empolgação e samba no pé. Essa vibração, presente todos os anos, fez com que a Escola seja hoje a de maior torcida na Avenida.

MANOEL NUNES ARÉAS (MANOLA)

---

Vice-Presidente da G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira e Presidente da Comissão de Carnaval

## HARMONIA



O sincronismo entre a dança, o canto, a distribuição dos componentes, ritmo e música determina a boa harmonia de uma escola. Este ano, as baianas da Mangueira sem dúvida vão marcar, inesquecível, a harmonia da Escola, com o grito de liberdade contido no estribilho:

“Roda baiana  
Levanta a poeira do chão  
Roda baiana  
Nas cores do meu coração...”

Ao chamado do samba, a baiana roda, roda e ginga, transbordando a Avenida de verde e rosa. Verdadeiro elemento de ligação, as baianas vão marcar o perfeito entrosamento de movimentos em todas as alas, confirmando a harmonia esplendorosa da nação verde e rosa.

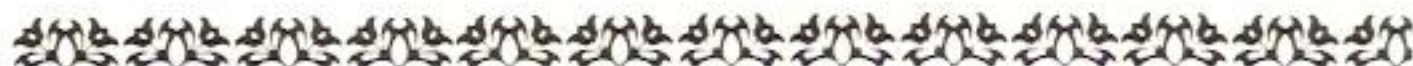
“Liberdade  
Oh falsa realidade...”

ALBERTO SALES PONTES

---

Diretor de Harmonia da Estação Primeira de Mangueira

## CONJUNTO



A uniformidade e o encadeamento de todos os elementos de representação dramática, musical e coreográfica no desenvolvimento do enredo e sua conseqüente coesão — sem dúvida, isto a Mangueira terá, inundando a Avenida de verde e rosa, que encham os olhos e nos fazem voltar ao mundo mágico da fantasia, da beleza, do sonho. Caudalosa como um grande rio em curso, a Mangueira deságua na Avenida. Um momento em que o coração da gente se deixa levar.

NEUMA GONÇALVES

---

Conhecida como Primeira-Dama da Mangueira — filha de Saturnino Gonçalves, fundador e primeiro Presidente da Escola, Neuma Gonçalves, a Dona Neuma, é a primeira Diretora do Departamento Feminino.



# G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA CARNAVAL '85

APRESENTA



PEÇA ENREDO EM 3 ATOS

## COMISSÃO DE FRENTE

Tia Zica e Nelson Cavaquinho são os apresentadores da Comissão de Frente, que está composta por Licy Brandão, primeira mulher a ser admitida na Ala de Compositores da Mangueira, e mais 14 gentis cavalheiros que representam duas escalas musicais.

• **CARRO ABRE ALAS:** "Abram Alas Que Eu Quero Passar".

## PRÓLOGO

É Carnaval: Mangueira pede passagem e comemora 50 anos dos desfiles oficiais das Escolas de Samba e canta a saudade que não passa pelos 50 anos de falecimento da maestrina CHIQUINHA GONZAGA. Parodiano o hino do Carnaval "Ó ABRE ALAS", composição da maestrina, saúda o povo e a imprensa em geral.

• **2º MESTRE SALA e PORTA BANDEIRA** — Robertinho e Zelinha

### • O EMBALO DO CARNAVAL

- Ala Passarela do Samba
- Ala os Seresteiros
- Destaque no Chão: Viva a Folia - Marizete

### • SKINDÔ-SKINDÔ

- Ala Arma Comigo Que Você Sai
- Grupo de Passistas BR-3: Solange e as Mulatas Show, Trio Endiabrados (Gilson, Moisés e Maria Helena), Irene e Nanana da Mangueira.
- Dupla Izidoro: Pai e Filho
- Representação Folclórica/Frevo: Grupo Asa Branca.

### • VIVA O FREVO

- Ala 1001 Noites

### • 1º CARRO: O Espírito Carioca

- Destaque - Wilma Dias

### • OS BAILES DE GALA

- Ala Baianas Granfinas
- Ala dos Príncipes
- Ala dos Menestres
- Ala dos Funcionários
- Quadripé: Os Grandes Concursos de Fantasias
- Destaques: Wanda dos Santos e Toninho D'Oxosse



### • REINADO DE MOMO

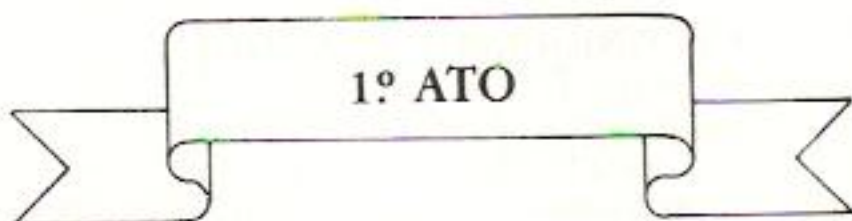
- Ala Opção
- Quadripé: As Majestades
- Destaque: Rainha do Carnaval - Cotinha  
Rei do Carnaval - Carlos Victor  
Deusa da Folia - Marilene M. Simões

### • É CARNAVAL

- Ala Só Sai Quem Pode
- Ala Reencontro
- Ala É Com Nós Mesmo
- Ala Mocidade Serena
- Ala Adivinha o Nome
- Quadripé: Viva a Folia
- Destaque: Jane de Castro

### • FOLIA

- Ala Vendaval



O Império: Sonho de toda sinhazinha - Nasce FRANCISCA EDWIGES DAS NEVES GONZAGA - a nossa CHIQUINHA

- Quadripés (3): As Carruagens do Império
- Figuras de Enredo: Carroceiros do Imperador - Marcelo Peçanha, Cláudio B. Vilela e Edgard Soares

### • AS SINHAZINHAS

- Grupo Artemanha (feminino)

### • OS JOVENS PRETENDENTES

- Grupo Artemanha (masculino)

### • 2º CARRO: Saraus

- Destaques: Candelabros - Landoiá, Lady Machado e Elenita Lobo
- Figura de Enredo: Chiquinha Gonzaga ao piano - Sarinha

### • A VELHA GUARDA

- Mestres Sala e Porta Bandeiras Mirins
- 1º Mestre Sala - Lilico
- 1ª Porta Bandeira - Mocinha

Mestres Sala e Porta Bandeiras Mirins formam o quadro com 1º Mestre Sala e 1ª Porta Bandeira e se deslocam à frente da Bateria.

### • A NOBREZA

No interior dos palácios, aconteciam os grandes bailes do Império. Os escravos trabalhavam e batucavam nos terreiros na esperança da tão sonhada liberdade, e Chiquinha inspirava-se neles, e nos seus ritmos.

- Ala dos Duques
- Quadripé: A Grande Dama da Corte
- Destaque: Zinha

### • NEGROS VENDEDORES DE FLORES

- Ala Eu Quero é Mais
- Ala Eles e Elas
- Ala Cheia de Razão

### • NEGROS VENDEDORES DE BORBOLETAS E PÁSSAROS

- Grupo Renascença

### • OS GRANDES PREGÕES DE RUA

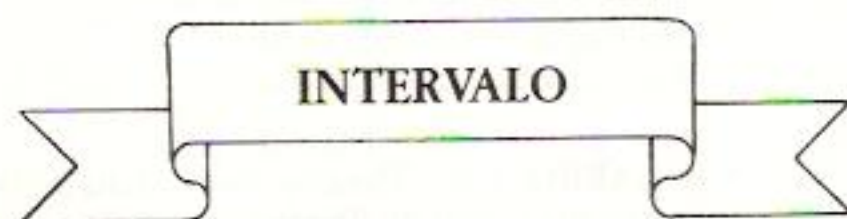
- Ala Acouci
- Ala Flamanga

### • NEGROS VENDEDORES DE FLORES E FRUTAS

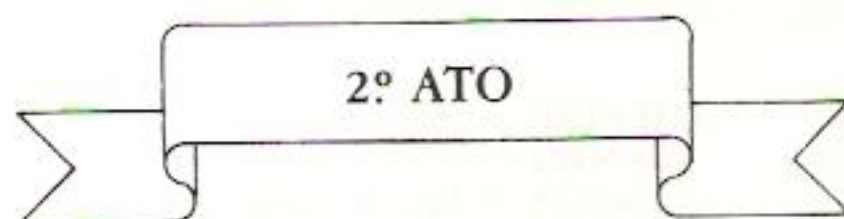
- Ala Moana

### • LUNDU

- Representação Folclórica - Balé Mercedes Baptista
- Quadripé: "A Liberdade"



Primeiro Grupo de Passistas e Baianas: dez casais, cinco baianas. Enquanto as baianas rodam obedecendo a chamada do samba, os passistas levantam junto com elas a poeira do chão.



Surge a grande artista: Francisca Edwiges das Neves Gonzaga esquece a nobreza e os requintes dos salões, e surge a pianista CHIQUINHA GONZAGA.

### • RIO ANTIGO

- Tripés: Réplicas dos postes da antiga Avenida Central.

### • A ELEGÂNCIA DA RUA DO OUVIDOR

- Ala dos Invencíveis
- Ala Deixa Comigo
- Ala Ninguém é de Ninguém
- Ala dos Barões
- Quadripé: Glória aos Autores Teatrais (Homenagem à SBAT)
- Destaque: A Comédia e a Tragédia - José Antônio
- Destaque no Chão: A Rua do Ouvidor - Ilma

### • O TEATRO

- Ala dos Turistas
- Ala Comigo Ninguém Pode
- Grupo Toninho D'Oxosse
- Quadripé: Bonecos gigantes com movimentos animatrônicos (representam o Maxixe dançado por Duque e Gaby).



### • DUQUE E GABY

"Duque" era o pseudônimo de ANTONIO LOPES DE AMORIM DINIZ, famoso dançarino que levou o ritmo do maxixe para a França, no início da década de 10, com a famosa GABY.

- Ala dos Fidalgos (Maxixe)
- Ala das Gatinhas (Maxixe)

### • OS JORNALISTAS DA ÉPOCA

Homenagem à importância da imprensa na divulgação internacional das músicas de Chiquinha Gonzaga.

- Ala da Imprensa

### • PLANGENTE/VALSA

- Grupo da Miriam Baiana

### • OS MÚSICOS E AS MAESTRINAS

- Ala Copacabana - Masculino
- Ala Copacabana - Feminino

### • 3º CARRO: Cine-Theatro Show Mangueira

Apresenta Cenas do Rio de Chiquinha - Flashes de diversos tipos do Rio de ontem, hoje e sempre. Figuras de enredo com trajes da época marcam personagens como: Calado, José do Patrocínio, Paula Ney e vários músicos e atrizes do tempo de Chiquinha. Pinturas do premiadíssimo artista plástico Francisco Menezes retratam no desfile, cartazes, peças teatrais e lojas no estilo da época.

### • THEATRO MUSICADO

- Ala Mangasul
- Quadripé: Valquiria (valsa)
- Destaque: Marlene Arruda

### • ATORES DO THEATRO MUSICADO

Homenagem a Vicente Celestino e Gilda de Abreu que estrearam com peças musicadas por Chiquinha Gonzaga.

- Ala Brasinhas e Brasões
- 1º Quadripé: Lua Branca
- 2º Quadripé: Atraente
- Destaques: Nádia Richa e Terezinha Domingues da Silva

### • ATRIZES DA ÉPOCA (Estilização)

- Ala Meninas da Praia

### • MAXIXE CORTA JACA

- Ala da Côte
- Ala das Mimosas
- Ala Depois eu Digo
- Quadripé: Palácio das Águias (Estilização)  
Local em que foi executado pela primeira vez o maxixe "Corta Jaca" por Nair de Teffé. Primeira Dama do Governo de Hermes da Fonseca.
- Quadripé: Acampamento Cigano
- Figuras de Enredo: Monique Lafon, Marcos Magalhães e Elcio Borges

### • OS CIGANOS

Drama em três atos de autoria de Furtado Coelho musicado por Chiquinha Gonzaga - Teatro Lucinda.

- Ala Petromanga
- Quadripé: As Atrizes
- Destaques: "Cinira Polonia" - Solange  
"Aymê" - Lídia  
"Marie Stevens" - Lila Bastos  
"Pepa Delgado" - Adenaide Marinho  
"Suzana de Castera" - Tânia

### • ARARIBÓIA/POLCA PARA PIANO

- Ala dos Reis
- Ala dos Aliados
- Quadripé: Tupã/Tango Brasileiro
- Destaque: Ney Galvão

### • TUPINIQUINS/VALSA CHORO

- Grupo Teatro São Paulo
- Destaque no Chão:  
Estrela D'Alva - Mariazinha  
As Vedetes — Ione Fernandes, Wanda Alencar, Mariza Gonçalves, Terezinha Sodré, Cristina Salada e Ioná Magalhães.  
A Antiga Praça Tiradentes — Alcione, Socá e Zé Carlos.

### • ESTRELA D'ALVA

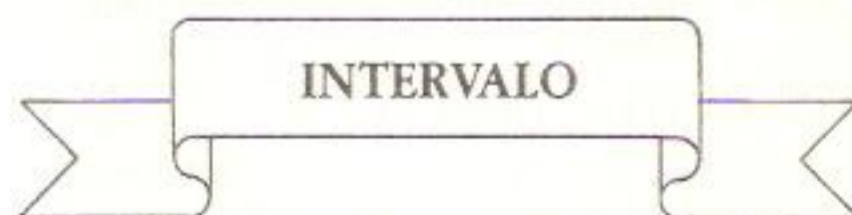
- Ala Acauã (feminino)

### • OS GALÃS

- Ala Acauã (masculino)
- Destaque no Chão: Elba Ramalho

### • POLCA RADIANTE

- Ala dos Hippies
- Quadripé: Linda Morena
- Destaque: Terezinha de Jesus Barbosa
- 2º Grupo de Passistas e Baianas



### • MARINHA FRANCESA

Ato de condecoração de sua tripulação a Chiquinha Gonzaga "Alma Cantante do Brasil".

- Quadripé: Prôa  
Popa  
Convés
- Ala Zicartola
- Ala Deixa Isso Prá Lá
- Ala Quero Te Ver de Rosa
- Destaques: Almirantes - Luiz Carlos e Zezinho de Ossanhe
- Destaque: Madrinha da Marinha Francesa - Roberta Close
- 2º Grupo de Passistas e Baianas



## 3º ATO

Só não passa a saudade: a volta aos carnavais de CHIQUINHA.

- Quadripé: O Cordão Rosa de Ouro
- Destaque: Maria Helena A. Vieira

- **ARAUTOS DA FOLIA**

- Ala Mirim (meninos da Mangueira)

- **MENINAS NA FOLIA**

- Ala Mirim (meninas da Mangueira)

- **ALEGRIA DO CARNAVAL**

- Ala Independentes da Bolívar

- **ALEGRIA, ALEGRIA**

- Ala Independentes da Bolívar
- Quadripé: "O Corso" (Fantasias de Pierrots, colombinas e bonecos).
- Figuras de Enredo:
  - "Valquiria Picos" - Vanja Orico
  - "Os bonecos" - Beatriz Pinto de Almeida
  - "A Butrinha" - Baratino

- **AS MELINDROSAS**

- Ala do Embalo
- Quadripé: "Tenenes do Diabo"
- Destaque: Fernanda Terremoto

- **AS DIABINHAS**

- Ala das Caprichosas

- **CARNAVAL DE RUA**

- Grupo da Lola Batalhão (Caricaturas)  
Hoje Comemoramos o sesquicentenário da folia.
- Quadripé: Bal Masqué
- Destaques: Wilma Bornay e Maria Ramos  
150 anos de folia; homenagem ao 1º baile de máscaras realizado em 1835 no Hotel Itália.

- **CORINGAS**

- Ala dos Esforçados
- Ala dos Nobres
- Ala da Firmeza
- Ala dos Granfinos

- **ARLEQUINADAS**

- Ala dos Baluartes
- Ala Águias da Mangueira
- Ala eu vi crescer
- Quadripé: "Ó Abre Alas"
- Destaque: Laerte Raphael

Homenagem ao cordão Rosa de Ouro: Marcha Rancho considerada o Hino do Carnaval de autoria da maestrina CHIQUINHA GONZAGA.

## GRANDE FINAL

É a apoteose, a certeza de que esta festa que começou há 50 anos será eterna enquanto existir liberdade. Obrigado Chiquinha Gonzaga, Madrinha do Carnaval.

- **BAIANINHAS**

- Ala Chove e não Molha

- **TUDO É ALEGRIA**

- Grupo Verde Rosa + Quinteto de Passistas

- **AS BAIANAS TRADICIONAIS**

- Grupo de 250 baianas  
Ladeadas em toda extensão por estandartes de flores.

- **BATERIA**

- 320 ritmistas
- Mestres: Chimbico e Taranta

- **APOIO TÉCNICO**

- Ala dos PiriQUITOS
- Ala dos Boêmios
- Ala Só Para Quem Pode
- Ala dos Compositores
- Direção de Harmonia
- Conjunto Juventude Samba Show
- Puxador do Samba: Jamelão e Jurandir

### PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

Vanja Orico	Beth Faria
Wilma Dias	Raul Cortez
Miriam Pérsia	Roberta Close
Tânia Bóscoli	Sérgio Brito
Hilton Harvre	Lady Francisco
Eliana Pitman	Adele Fátima
Terezinha Sodré	José Antônio
Monique Lafon	Ney Galvão
Jane de Castro	Elba Ramalho
Fernanda Terremoto	Mussum
Alcior: ("Marron")	Ioná Magalhães
Luis Carlos Vinas	Cristina Salada
Fernando Vanucci	Nelson Souza
Simone Carvalho	Gargalhada

### FICHA TÉCNICA

Supervisão Geral: Diretoria e Comissão de Carnaval  
Direção Técnica: Pedro Paulo Lopes e Bia Dumont  
Pesquisa: Edinha Diniz  
Montagem: Eloy Machado  
Estruturas e Mecanismos: Ambrosio E. Levinson  
Direção Geral: Eloy Machado e Bia Dumont  
Produção: Estação Primeira de Mangueira  
Agradecimentos: Manoel Nunes Arêas (Manola)  
José Petros (Zinho)





## Abram alas para a Mangueira passar.

Durante os últimos anos a Mangueira nem sempre levou para a avenida o melhor carnaval que podia criar. Até hoje se discute na Escola se os enredos de desfiles e mesmo os sambas escolhidos eram, realmente, os melhores que ela tinha ou os de maior aceitação popular.

Em 84, porém, foi diferente. A felicidade na seleção do enredo seguiu-se da escolha do samba. Dessa forma, a história da vida do compositor Braguinha, tão bem desenvolvida através das alas da Escola, teve no samba de Jurandir, Helio Turco e Darcy o acompanhamento ideal. E a Mangueira venceu quebrando aquela fase ingrata, onde só conseguia classificações bem distantes do seu reconhecido prestígio e da garra de seus componentes.

Vencedora do seu grupo em 84, a Estação Primeira, reconhecida pelo povo e por toda a imprensa como a grande campeã do desfile, confirmaria a sua supremacia no domingo seguinte, conquistando o título de Supercampeã no primeiro desfile realizado na Passarela que o gênio de Oscar Niemeyer criou para ser definitivamente o templo do samba.

Supercampeã é um título glorioso, que precisa ser honrado e a Mangueira está ciente de suas responsabilidades. Ela assumiu um sério compromisso com sua gente e com toda a cidade que vibrou e aplaudiu o seu vitorioso desfile de 84. Seus diretores e componentes sabiam que o trabalho tinha de ser redobrado para que o honroso título viesse a ser repetido em 85. Nesse sentido, foi que toda a Mangueira se mobilizou e se lançou num esforço ainda maior do que no ano passado.

O enredo de 85, "Abram Alas Que Eu Quero Passar", foi uma escolha feliz. De início ele mereceu a aprovação unânime da comissão de Carnaval, o to-

tal apoio de integrantes da Escola e a plena aceitação da imprensa.

Baseado no excelente livro de Edinha Diniz, o enredo conta a vida de uma notável mulher brasileira, Chiquinha Gonzaga, que além de destacada compositora popular, foi uma figura de vanguarda, de marcante participação nas lutas mais gratas ao povo brasileiro, como a Abolição e a República. Uma mulher inconformada com as restrições existentes no seu tempo e que, em defesa dos direitos de igualdade social, não vacilou em abandonar família e casamento e enfrentar, com coragem, as incompreensões que tolhiam sua liberdade de artista.

"Abram Alas Que Eu Quero Passar" é, assim, um enredo rico de atrações. Nas mãos e pelo talento de Eloy Machado, o carnavalesco de Jorge de Lima, Mãe de Ouro e outros carnavais marcantes da Mangueira e de Bia Drumont que com ele divide a responsabilidade ganhou um brilho e uma beleza que sem dúvida vai maravilhar a avenida e fazer o povo vibrar como no ano passado.

Unida, animada e confiante sob a presidência de Djalma Santos, um mangueirense acostumado a ganhar carnavais, contagiado pelo entusiástico apoio de "Manola" e "Zinho" que vieram trazer vida nova à Mangueira e, armada na experiência de Pedro Paulo à frente da Comissão de Carnaval, a Mangueira está pronta novamente para encher os olhos do povo com o esplendor de seu deslumbrante desfile.

Preparem-se, portanto, para aplaudir a Estação Primeira. Ela vem para vencer.

SANDRO MOREYRA

Membro da Comissão de Carnaval  
Colunista Jornal do Brasil.





# ZINHO E MANOLA

## A paixão e o apoio incondicional

Em 1983, a Estação Primeira de Mangueira completava o seu décimo primeiro ano sem conquistar o título. A Escola, apesar de famosa, estava desacreditada. Os mangueirenses viviam afastados da quadra e, se participavam dos desfiles, era unicamente pelo amor que nutriam pelo estandarte verde e rosa. Djalma dos Santos, "doente" por sua Mangueira e considerado um "pé-quente", candidatou-se à Presidente e leva consigo dois homens que transformariam a Mangueira numa Escola forte, unida, pacificada e, principalmente, com a confiança retomada.

O Vice-Presidente Manoel Nunes Arêas, o "Manola", e José Petros, já identificado e respeitado pelos sambistas como "Zinho da Mangueira", recolocaram a agremiação em sua verdadeira posição: uma Escola respeitada, motivo de orgulho de seus torcedores e temida pelas adversárias. A partir do "Yes, Nós Temos Braguinha", tema que deu o título máximo à Escola em 1984 — foi campeã e supercampeã do Carnaval — a Mangueira deu um salto gigantesco, reforçando a sua condição de Escola mais popular do País.

Djalma, "Manola" e "Zinho" não se limitaram a reorganizar e levantar a Escola. Deram à Mangueira uma estrutura empresarial, permitindo que, com o seu nome e sua popularidade, buscasse recursos extracarnavais, quais sejam a publicidade, através de bons contratos, e a realização de eventos artísticos. O objetivo desses homens não esconde interesses pessoais: apenas dar à Escola condições de realizar seus futuros carnavais, sem a dependência de pa-

drinhos ricos. "Manola" e "Zinho" jamais pretenderam cargos perpétuos na Escola. E só consideram a missão cumprida se a Mangueira deixar a Passarela do Samba na condição de bicampeã do Carnaval em 1985.

Homens economicamente independentes, mas fiéis torcedores da Mangueira, "Manola" e "Zinho" poderiam ignorar os problemas que a escola tinha há dois anos, mas aceitaram o desafio. Na Mangueira não existe a mão-de-ferro: diretores e componentes convivem democraticamente. No trabalho de reorganização da Escola, vale ressaltar, "Manola" e "Zinho", completamente inexperientes no que se referia à administração de uma Escola de Samba, procuraram antes de tudo levar confiança e unidade aos mangueirenses. Talvez por isso a Escola surpreendeu seus próprios torcedores, na famosa volta apoteótica do último Carnaval, demonstrando garra e a certeza de que seria difícil não vencer as demais concorrentes.

A Mangueira, agora, entra na Avenida com a cabeça erguida, orgulhosa e temida. O público não identificará entre os milhares de sambistas vestidos de verde e rosa, ou entre destaques, ritmistas ou passistas, as figuras de "Zinho" e "Manola". Mas eles estarão no asfalto, cantando o samba e incentivando os demais mangueirenses. Pelo dinamismo, a capacidade de realização e a garra com que esses dois homens defendem e brigam pela Escola, a nação verde e rosa lhes rende uma homenagem.





# MANGUEIRA EMPRESA

## INICIATIVA PIONEIRA

A Escola de Samba Mangueira antecipando-se em uma posição que possivelmente, virá a ser tomada pelas demais escolas a médio prazo, resolveu, partindo de uma iniciativa pioneira, buscar recursos financeiros para patrocinar os seus carnavais futuros, através da implantação de uma estrutura empresarial capaz de fornecer-lhe os instrumentos necessários para enfrentar a crise financeira pela qual também passa o samba.

Para tal, assinou em agosto de 1984, contrato com a "Aquarela Publicidade e Promoções Ltda." para

desenvolvimento de um plano de marketing capaz de promover a Escola em todos os sentidos, de sua imagem institucional à suas promoções nacionais e internacionais.

## ESCASSEZ DE SUBVENÇÕES

A Diretoria da Estação Primeira está consciente de que esta era a única alternativa, a exemplo do que já ocorreu nos clubes de futebol, para a real preservação de seus valores e de seu carnaval, uma vez que a



escassez de recursos, além de não permitir outro meio de ação é a certeza de um futuro incerto.

A Escola não possui fontes de renda e a subvenção do estado é insuficiente para a produção de um grande espetáculo. Em 1984 o carnaval da Mangueira custou 350 milhões de cruzeiros, e a Escola recebeu apenas 9 milhões de subvenção.

Por outro lado, a Mangueira não tem em suas vizinhanças uma concentração comercial capaz de patrocinar suas promoções.

Os seus associados pagam a modesta mensalidade de Cr\$ 200, os seus ensaios mal pagam as bebidas encomendadas e os grupos de sambistas, passistas e cantores que se apresentam em shows externos ficam, naturalmente, com o cachê do espetáculo.

## INVESTIMENTO SEM RETORNO

Para "Zinho" e "Manola" atuais Presidente do Conselho Deliberativo e Vice Presidente da Escola respectivamente, "não existe investimento mais sem retorno do que este, nem mesmo o capital aplicado tem volta".

Essa idéia de trabalhar Mangueira como produto cultural não teria acontecido se não fosse a visão empresarial de Zinho e Manola. Ambos pretendem dotar a Escola de uma estrutura sólida, com projetos de captação de recursos firmados em 345 dias do ano, capaz de deixar livre de preocupações financeiras o mês de fevereiro, quando a escola mais precisa dispende recursos que não possui.

"Queremos deixar o comando da escola no final do nosso mandato em 86 já estruturada como uma empresa para que os verdadeiros mangueirenses, responsáveis pelas vitórias na Avenida, possam assumir sua direção sem que tenham de enfrentar os atuais problemas — afirmam Zinho e Manola.

## A PROFISSIONALIZAÇÃO

A profissionalização do sambista não é um fato recente como muitos podem pensar. Já em meados dos anos 30/40 sambistas como Cartola, Paulo da Portela e Heitor dos Prazeres apresentavam-se nos clubes e cassinos da moda. Os bambas do Estácio, veteranos sambistas como Baiuca, Bide, Ismael Silva e outros vendiam suas próprias composições para sobreviver.

Hoje as Escolas de Samba já fazem apresentações pagas até mesmo no exterior.

O que a Mangueira apresenta como pioneirismo, é a organização deste processo através do estabelecimento de uma estrutura empresarial bem planejada.

## O PARECER DA COMUNIDADE MANGUEIRENSE

Para Pedro Paulo Lopes — Diretor de Carnaval da Estação Primeira — "a comunidade pobre do morro não entende as estratégias de marketing, mas entende a intenção pois são eles que sentem as dificuldades na hora de botar a Escola na Avenida".

Afirma ainda Pedro Paulo que "a comunidade sofrida não acredita mais na sobrevivência do samba somente com a espontaneidade" e lembra que "a atual crise de nossa música popular é decorrente da superioridade de outros ritmos estrangeiros, muito bem empresariados".

## MANGUEIRA NO PÉ, BANERJ NA CABEÇA

Como primeiro fruto desta nova filosofia empresarial a Estação Primeira de Mangueira, através de sua Diretoria, assinou em dezembro passado um contrato com o Banerj pelo que a Escola recebeu Cr\$ 200 milhões e a instituição bancária do Estado adquiriu o direito de usar a marca "Mangueira" em suas promoções. No ato, o Banerj foi representado pelo seu Presidente, Carlos Augusto de Carvalho, e pelo seu Chefe de Gabinete, Lúcio Ásfora, que proferiu o seguinte discurso:

"Esta Escola de Samba de Mangueira, que tantas vezes ganhou seu trono de Rainha, em carnavais memoráveis, inclusive o primeiro disputado na Passarela do Samba — o qual haverá de ficar gravado para sempre na memória de todos — esta Escola tem um vínculo inquebrantável com todas as instituições que deitem raízes no coração carioca. E uma delas é, sem dúvida o Banerj.

Eis por que o nosso Banco, o Banco do povo do Rio de Janeiro, reivindica parentesco com tudo aquilo que expressa a cultura popular da nossa velha Metrópole, como as escolas de samba, a música e o futebol. Amigo — como se costuma dizer — da Estação Primeira de Mangueira, o Banerj e ela são também um tanto irmãos.

Às vezes, lavamos juntos nossa bandeira de amor, de concórdia e esperança numa sociedade mais tranqüila. Em certas ocasiões, cada um toma seu rumo, embora continuemos buscando o mesmo objetivo, pois os interesses financeiros nem sempre se conjugam com os anseios da Fantasia.

Falar da Mangueira é ressaltar o que o Rio possui de mais seu e natural. De tal modo a Mangueira integra-se em nossa paisagem, que, mencioná-la é lembrar o Pão-de-Açúcar, as montanhas e o Corcovado. É lembrar suas praias, o mar, a Guanabara, enfim o que o Rio tem de belo como nenhuma outra terra tem.

Nascida na alma do povo, filha legítima desta bela cidade do Rio de Janeiro, quando a Mangueira ganha as ruas é como se, de repente, não houvesse problemas, não existissem aflições. É que através de seus passistas, da força dos sentimentos que brota de suas canções, o mundo se torna melhor, ganha colorido e a vida fica, magicamente, mais bela..."

Com a assinatura do contrato, o Banerj se tornou o primeiro sistema empresarial a reconhecer de forma concreta a importância do projeto proposto, o que representa não só um marco histórico, como também, indiretamente, como organismo estatal, uma grande visão pela possibilidade futura do sucesso do projeto como um todo, o que certamente, além de vir a contribuir para o engrandecimento do carnaval carioca, reduzirá as responsabilidades do governo.







# G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

## DIRETORIA TRIÊNIO 84/86

Presidente: Djalma dos Santos  
Vice-Presidente: Manoel Nunes Arêas  
1º Secretário: Gerson Paulo Sammartino  
2º Secretário: Florisvaldo Henrique do Carmo  
1º Finanças: Raimundo de Castro  
2º Finanças: Danilo London  
1º Cultural: Willian Lourenço Braga  
2º Cultural: Maria Helena Abrahão  
1º Social: José Simões  
2º Social: Jorge Barbosa  
1º Patrimônio: Jair Campos  
2º Patrimônio: Jorge Gomes  
1º Jurídico: Enemésio da Silva  
2º Jurídico: Jairo Negrélli  
1º Harmonia: Olivério Ferreira  
2º Harmonia: Alberto Salles Pontes  
1º Divulgação: Ubirajara Maximiniano Rosário  
2º Divulgação: Wanderley Barbosa  
1º Esportes: Marcos Antonio Gomes  
2º Esportes: Agnaldo Santana  
1º Feminino: Neuma Gonçalves da Silva  
2º Feminino: Euzébia Silva Oliveira  
1º Procurador: Nedir Moreno  
2º Procurador: Jorge Andrade  
Representante: Ed Miranda Rosa

Diretores Licenciados  
Paulo Ogliare - Patrimônio  
Alcides Evangelista - Procurador

Conselho Deliberativo e Fiscal  
Presidente - José Petros

Presidente de Honra  
Juvenal Lopes + (falecido)

## COMISSÃO DE CARNAVAL

José Petros (Zinho)  
William Lourenço Braga (Lilico)  
Maria Helena Abrahão Vieira  
Sandro Moreira  
Sabino Barroso  
José de Anchieta Leal  
Alberto Salles Pontes

Presidente: Manoel Nunes Arêas  
Coordenador: Pedro Paulo Lopes



# CARNAVAL 85



CERVEJA  
**BRAHMA**  
CHOPP



CONTEUDO 600 ml